

Roberto MACHADO. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000. 187 páginas*.

Aurenéa Maria de Oliveira

Foucault, a filosofia e a literatura não é o primeiro livro que Roberto Machado dedica à obra de Michel Foucault. Em 1982, ele já havia publicado *Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Foucault*, cujo intuito principal era tentar compreender a arqueologia como método de investigação capaz de dar conta dos saberes criados na modernidade. Agora, Machado se dedica a expor as principais linhas de influência que ligam a reflexão foucauldiana à obra de Nietzsche, sobretudo como esta reflexão aparece nos textos em que Foucault trata de literatura. De fato, a ascendência de Nietzsche sobre pensadores e literatos como Blanchot, Bataille estimulou na França a emergência de um estilo não-dialético, não-fenomenológico de pensamento ao qual Foucault viria filiar-se. A linguagem literária é aqui concebida como uma alternativa de transgressão à razão científica moderna e a um modo de filosofar que lhe corresponde – modo de filosofar estruturado sobre a centralidade do humano, do sujeito. Se, através daquilo que viríamos a chamar secularização, a modernidade institui de modo teórico e prático a centralidade do humano, Foucault nos revela que a morte de Deus é acompanhada da morte do homem.

Pouco explorados, os textos esparsos que Foucault dedica à linguagem literária exploram um terreno limítrofe no qual um pensar pós-humanista procuraria se localizar. O homem, objeto e sujeito do conhecimento na modernidade, descobre-se como ser finito. Esta descoberta é tanto a base sobre a qual se elaborariam

* NA: A resenha que se segue foi editada pelo Prof. Jonatas Ferreira.

expressões típicas de modernidade (como a obra de Kant, por exemplo) como ponto a partir do qual se podem expor não apenas os limites do conhecimento moderno, mas sua perspectiva de superação, ou seja, a superação do próprio homem. Ao revelar a morte do sujeito, a literatura constitui-se como caminho através do qual seria possível realizar este gesto de transgressão. Tal concepção de literatura estimula Machado a defender a hipótese de que a reflexão que Foucault realiza acerca da linguagem literária adquire contornos francamente filosóficos. Sua análise da literatura leva a uma reflexão de cunho arqueológico semelhante àquela que influenciou suas pesquisas sobre medicina, psiquiatria, psicologia. Mas há algo mais: há ali a procura por um gesto de alteridade que possa falar aquilo que a ciência cala: a loucura expressa por si (e não através de um discurso que a torna algo patológico, exceção da normalidade), a morte, a tragédia. Por tudo isso, o ponto central do livro encontra-se na associação entre a concepção de verdade em Foucault e a idéia de tragédia em Nietzsche. Problematisando a concepção moderna de verdade, constituída a partir de violências como aquelas praticadas por um discurso médico dedicado a silenciar vozes dissonantes, vozes de loucos, de homossexuais, Foucault procura ecos destes ruídos na literatura radical de um autor como Sade, por exemplo. Partindo deste argumento, Machado divide seu livro em quatro capítulos: “A Loucura”, “A Morte”, “O Ser da Linguagem” e o “Ocaso da Literatura”; além de brincar o leitor com a tradução de uma conferência inédita do próprio Foucault sobre “Linguagem e Literatura”, onde encontramos reiteradas as principais teses defendidas por Machado no decorrer do livro.

No primeiro capítulo, Machado trabalha a aproximação entre o pensamento de Foucault e o de Nietzsche no fato de ambos denunciarem a ênfase excessiva que a civilização moderna dá a racionalidade. Discorrendo acerca da *História da Loucura* (1961) ele sustenta que, ao procurar esclarecer como foi que a verdade começou a se separar da não-razão, aproximando-se da razão no período clássico, cindindo-se da loucura no período moderno, Foucault realiza trabalho bastante próximo ao de Nietzsche. Da mesma forma que para Nietzsche a história do mundo ocidental é a história de uma crescente negação da tragédia, para Foucault o mesmo ocorreria com a loucura. Ao reduzir a verdade à idéia de controle, à eficiência técnica, a ciência moderna procura neutralizar a desrazão, bem como o descontrole promovido por tal desrazão.

Enquanto no período renascentista a loucura era compreendida como uma experiência importante, relacionada às grandes forças trágicas do mundo, que revelavam ao ser humano um saber, uma verdade acerca dele mesmo e daquilo que o cercava, na modernidade a loucura é subordinada à razão. Ao defender esta tese, Foucault permite-nos entender como se constitui a concepção segundo a qual o louco é um ser delirante, desprovido de moral, de razão, de verdade, ou

seja, ele permite entender o surgimento de ciências modernas como a psicologia e a psiquiatria cuja meta passa a ser ajudar o “indivíduo louco” a reencontrar a razão.

A pergunta a se fazer, então, é: existem expressões culturais modernas em que o trágico, que a loucura testemunha, não seja reduzido apenas à condição de patologia, de deficiência em relação a um padrão de normalidade? Essa possibilidade Foucault a encontra na linguagem literária de escritores malditos como Sade, Lautreamont, e em alguns textos de Bataille. Antes de se dedicar à genealogia do poder e à genealogia dos modos de subjetivação, Foucault preocupava-se, assim, com a questão da linguagem literária como possibilidade de transcender os limites rígidos dos “saberes modernos”.

O segundo capítulo, “A Morte”, apóia-se numa discussão de *O Nascimento da Clínica* (1972) – que representa para Machado a continuidade das pesquisas iniciadas em *História da Loucura*. A clínica promove um novo olhar sobre o indivíduo doente, um olhar científico que organizará o primeiro conhecimento objetivo, racional sobre o sujeito. Assim, uma concepção classificatória de medicina, reduzida à catalogação de sintomas e à observação da superfície, é substituída na modernidade por uma medicina centrada no corpo e em suas patologias. A moderna medicina se desloca de uma visão fixada na visibilidade dos sintomas para outra, que buscando a profundidade, quer penetrar no espaço do organismo, buscando o problema oculto do qual o sintoma não é senão expressão secundária. Tal deslocamento torna a doença uma forma patológica de vida, um desvio interno que aparece ao médico como visibilidade, possibilidade e legibilidade da morte.

Para Machado, Foucault sugere a existência de uma relação entre a experiência médica correspondente à anatomo-clínica e a experiência literária. Essas experiências se cruzam a partir do momento em que elas estabelecem um elo entre a idéia de subjetividade, finitude e morte. A primeira revela isso através de um discurso científico sobre a doença e a segunda através de uma linguagem que se desdobrando sobre si mesma, revela a experiência da loucura, da não razão no próprio processo de comunicação. A morte dos deuses na modernidade inaugura para Foucault uma nova fase para a palavra. A partir de então, a palavra depende apenas de si própria, podendo recuar indefinidamente em relação à possibilidade de encontrarmos um sentido original, fundamental que estabeleça uma conexão legítima entre signo e referente. Desprovido de garantias transcendentais que legitimem essa conexão, o espaço da linguagem torna-se espaço de reduplicação, de repetição do que já foi dito. Essa mesma repetição, no entanto, esvaziada de um fundamento de um sentido original, pode, através da literatura, negar o que foi repetido, profanando-o, destruindo-o, aproximando a experiência literária da loucura. O que significa uma linguagem abandonada a si própria? Vida e morte colocam-se em questão na linguagem literária, remetendo

constantemente uma à outra.

O terceiro capítulo, “O Ser da Linguagem”, argumenta que a hipótese oferecida por Foucault em *As Palavras e as Coisas* (1966) de que o homem é uma invenção recente tem suas raízes no pensamento de Nietzsche, em sua famosa afirmação de que na modernidade “Deus morreu”. O desaparecimento dos valores absolutos, das essências e do fundamento divino, é também o período onde ocorre uma substituição de Deus pelo homem, de Sua autoridade, e da autoridade da igreja, pela do ser humano. Para Foucault, a morte de Deus vai implicar no fato de o homem aparecer na modernidade numa dupla posição, ou seja, como sujeito e como objeto do conhecimento; como fundamento e como aquilo que precisa ser fundamentado. Esse gesto filosófico conduz à percepção da finitude do ser humano como possibilidade de estruturação da totalidade do conhecimento possível.

A morte de Deus ressoa profundamente na linguagem, apontando para o fim de critérios universais, de princípios transcendentais sobre os quais a linguagem pudesse vir a comunicar inequivocamente o mundo. Isto a torna arbitrária, autônoma. A linguagem não sendo aqui concebida como comunicação de sentidos inequívocos, possui uma dinâmica própria que se expressa na literatura de modo radical. O terreno sobre o qual se edifica o humanismo é, assim, reconhecidamente precário, equívoco. O sujeito fala sozinho, ou seja, a palavra fala a própria palavra em seu sentido enigmático e vazio.

Por fim, o último capítulo do livro, “O Ocaso da Linguagem”, é um relato de Machado, sobre o abandono por parte de Foucault dessa perspectiva literária. A literatura antes tão valorizada como possibilidade de crítica à estrutura antropológica humanista, é negligenciada em prol das análises genealógicas das relações de poder e dos modos de subjetivação. O discurso sendo compreendido por ele nessa fase como materialidade ou prática, se sobrepõe à questão da linguagem. A disciplina do poder é então analisada de modo a se buscar os dispositivos, as técnicas que atuam dentro de um campo de correlações de forças políticas. Essas técnicas se manifestam de duas formas: através da confissão e do exame da consciência e por meio da doutrina do Estado e da polícia. Isso é o que, de acordo com Machado, passa a partir de então a ser privilegiado no trabalho de Foucault.